

## 2.

### **Sobre velhice na sociedade atual**

Este capítulo apresenta dados a respeito do envelhecimento da população divulgados em reportagens de jornais, revistas, e em artigos acadêmicos ao longo dos anos de 2012 e 2013 e reúne reflexões sobre os idosos, ilustradas por depoimentos de idosos em entrevistas semi estruturadas realizadas pelos alunos de graduação em Design da PUC-Rio, para a aula de “Projeto Avançado – Produção e Distribuição” do segundo semestre de 2013. As informações recolhidas chamaram atenção principalmente por retratar a vida dos maiores de 60 anos em situações e atividades diferentes daquelas que até aqui lhes eram atribuídas, indo além do crochê e do dominó, atividades que costumam caracterizar as gerações anteriores de idosos.

Neste capítulo também apresentaremos contribuições da Antropologia sobre o tema velhice, a partir do curso “Diferenças geracionais e construção de identidade: gênero, corpo e envelhecimento”, ministrado pela antropóloga Mirian Goldenberg. Os assuntos discutidos e as descobertas feitas ao longo do curso resultaram em ensaios de projeto para os temas discutidos feitos com pessoas de diversas idades, para testar as hipóteses levantadas durante estudo sobre a velhice.

Todas as questões apresentadas ao longo do capítulo levantam aspectos sociais e culturais do envelhecimento, buscando introduzir novas formas de ver a velhice.

### 2.1.

#### **Estamos envelhecendo e vivendo cada vez mais**

Uma das afirmações mais repetidas atualmente é a de que a população do mundo está envelhecendo. Informações geográficas e estatísticas coletadas no Brasil e no mundo atestam que em um futuro próximo a pirâmide etária se inverterá e a população composta pelos maiores de 60 será superior à de crianças até quatro anos de idade. A organização internacional *HelpAge*<sup>1</sup> realizou uma pesquisa em todo o mundo, que dentre seus resultados mostrou a

---

<sup>1</sup>[www.helpage.com](http://www.helpage.com). Rede internacional de organizações não governamentais que apoiam pessoas idosas em todo o mundo por meio de doações e defesa dos direitos dos idosos.

porcentagem de pessoas maiores de 60 anos nos anos de 2012 e 2050, este último considerado o ano marco para o envelhecimento populacional, uma vez que assinalará o início dessa inversão.

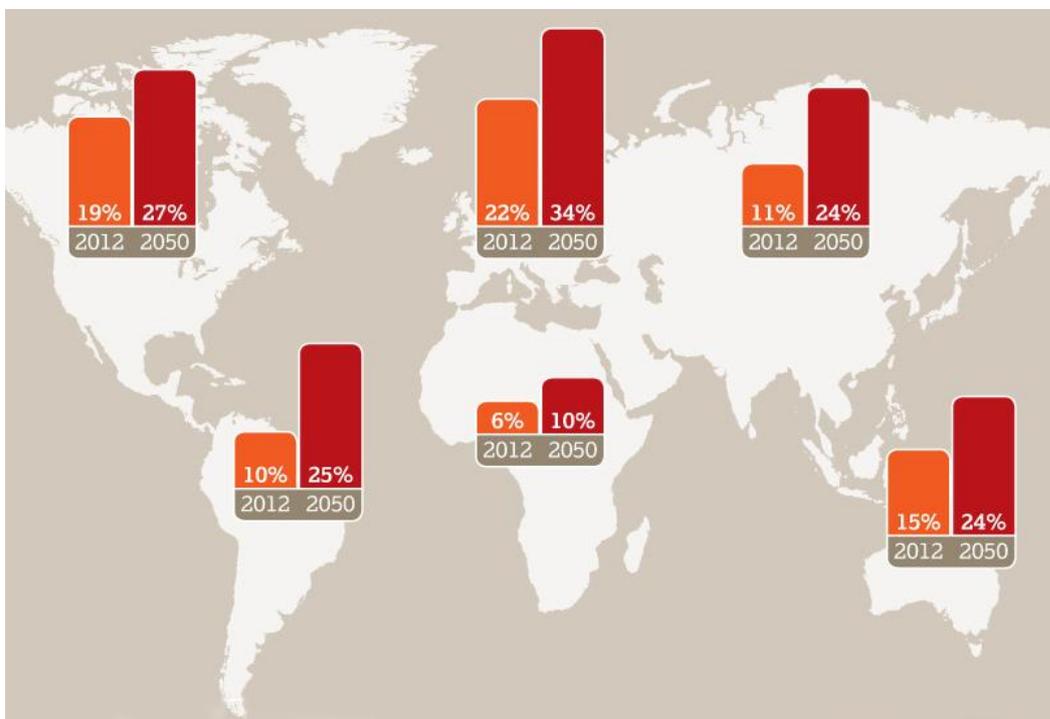


Figura 1: Porcentagem da população idosa em todo o mundo nos anos de 2012 e 2050. Fonte: [www.helpage.org](http://www.helpage.org). Acesso em: jun/2013.

Em nosso país, nos últimos anos o índice de crescimento de pessoas maiores de 60 anos está aumentando mais do que o índice de crescimento total da população. Em 1991, havia 10,7 milhões de brasileiros idosos. Em 2007, ou apenas seis anos depois, esse número quase dobrou, tendo o Brasil contabilizado 20 milhões de brasileiros idosos, número correspondente a 10,5% da população total.<sup>2</sup>

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE<sup>3</sup> comprovam esse fato e preveem que a partir de 2050 a pirâmide etária brasileira estará invertida. Existirão mais pessoas maiores de 60 anos no país do que jovens com menos de 20 anos de idade. Os dados de projeção da população estimam ainda que em 2050 o número de pessoas na faixa etária entre 60 e 64 anos será maior do que o de crianças entre 0 e 4 anos.

<sup>2</sup>[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindic\\_sociais2008/indic\\_sociais2008.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindic_sociais2008/indic_sociais2008.pdf). Acesso em: jul/2011.

<sup>3</sup>[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2013/default\\_tab.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default_tab.shtm).

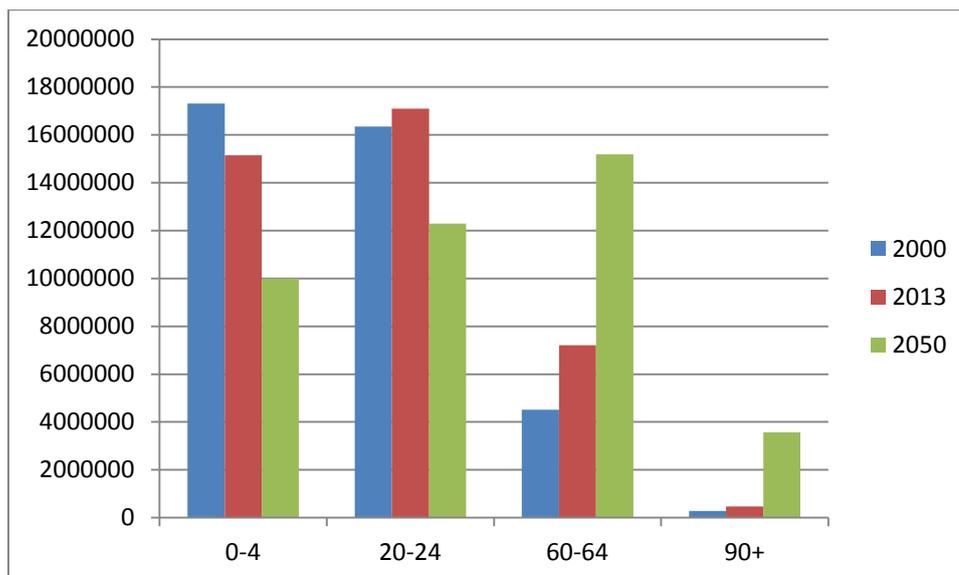


Gráfico 1: Indicativo da proporção de cada faixa etária nos anos de 2000, 2013 e 2050. Fonte: gráfico adaptado de dados do IBGE representando a projeção da população por sexo e idade.

No Brasil, o aumento da população idosa é observado principalmente no Estado do Rio de Janeiro, que detém a condição de segundo estado mais velho do país, com 13% de sua população sendo formada por maiores de 60 anos, perdendo apenas para o Rio Grande do Sul, com 13,6% de idosos.<sup>4</sup>

O crescimento da população idosa ao longo dos últimos anos tem sido tema recorrente nos meios de comunicação: (1) em reportagens de jornais — como por exemplo, a série publicada pelo jornal *O Globo* em seu caderno *Rio*, chamadas de “Retratos da Terceira Idade”<sup>5</sup>; (2) em programas de televisão que abordam assuntos da vida cotidiana, como é o caso de *Encontro com Fátima Bernardes*<sup>6</sup>, *Mais você*<sup>7</sup> e *Globo Repórter*<sup>8</sup>; (3) e em reportagens em revistas de grande circulação no país.<sup>9</sup> Essas reportagens e programas de televisão abordam questões variadas da realidade da crescente parcela da população de pessoas com mais de 60 anos no país e no mundo, incluindo sua participação no mercado de trabalho e a importância de seus ganhos para a renda dos domicílios; são pessoas que se apaixonam e iniciam uma vida a dois depois dos

<sup>4</sup> Dados do Censo 2010. Fonte: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: out/2012.

<sup>5</sup> Reportagens publicadas entre os dias 30 set. e 4 out/2012.

<sup>6</sup> <http://globo.com/rede-globo/encontro-com-fatima-bernardes/v/alexandre-explica-a-mudanca-do-conceito-da-velhice/2772133/>.

<sup>7</sup> [/segundo-dados-do-ibge-brasil-deve-ter-40-milhoes-de-idosos-em-2020/2563486/](http://segundo-dados-do-ibge-brasil-deve-ter-40-milhoes-de-idosos-em-2020/2563486/)

<sup>8</sup> <http://tv.globo.com/programas/mais-voce/O-programa/noticia/2013/10/enquete-96-das-pessoas-acham-que-amor-pode-acontecer-na-terceira-idade.html>.

<sup>9</sup> <http://g1.globo.com/globo-reporter/videos/t/saude/v/motoristas-viram-idosos-e-sentem-na-pele-as-dificuldades-de-pegar-onibus/2838672/>.

<sup>9</sup> Reportagem *Revista O Globo*, Acesso em: out/2013.

60 anos de idade; que têm interesse por atividades de lazer fora de casa; e que enfrentam problemas como transporte público, segurança, saúde e moradia, dentre outros.



Figura 2: Reportagens especiais sobre o envelhecimento. Fonte: Jornal *O Globo*, set-out/2012.

Os idosos ganham espaço também nos fóruns acadêmicos. Durante o ciclo *Idosos no Brasil: estado da arte e desafios*<sup>10</sup>, a pesquisadora Guita Debert, do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, explicou que está ocorrendo um processo de transformação do ponto de vista da sociedade: “Em vez de momentos de perdas, a velhice passou a ser considerada um momento de lazer, de novas experiências e projetos” (DEBERT, 2011).

Estudos indicam que, cada vez mais, as pessoas idosas desenvolvem hábitos e buscam por atividades que lhes tragam melhor qualidade de vida, como praticar esportes, alimentar-se bem e conhecer novos lugares. Com o objetivo de traçar o perfil desse público, a Federação do Comércio do Rio – Fecomércio-RJ entrevistou pessoas maiores de 55 anos de idade no município do Rio de Janeiro e descobriu, entre outras coisas, que 50% da renda dessa fatia da população são gastos com alimentação e que eles estão cuidando melhor da saúde. Somado a isso, segundo o presidente da Associação Brasileira de Indústria de Hotéis – ABIH-RJ, os idosos representam 20% dos clientes

<sup>10</sup> <http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/eventos/idosos-do-brasil-estado-da-arte-e-desafios.html>. Acesso em: out/2011.

hospedados em hotéis de cidades do interior do Brasil em dias úteis, porcentagem que dobrou nos últimos cinco anos<sup>11</sup>, ilustrando o interesse dessa parcela da população em conhecer lugares novos.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio do ano de 2007<sup>12</sup> mostram que a contribuição dos idosos em 53% dos lares do país naquele momento representava mais da metade da renda familiar. Na Região Sudeste, 17,5% dos idosos continuavam trabalhando, sendo que 69,1% deles já estavam aposentados.

Esses dados demonstram que os idosos estão ativos e ocupam um importante papel na renda familiar. Para isso, é importante manterem-se saudáveis tanto física quanto mentalmente. Percebendo esse aspecto, alguns segmentos da iniciativa privada especializados no cuidado dos maiores de 60 anos investem em serviços que atendam às necessidades dessa faixa etária, e em especial naqueles que lhes permitem manter e criar vínculos sociais. Atividades físicas como aulas de ginástica ao ar livre, com a opção de transporte particular e espaços exclusivos onde o idoso desenvolve atividades educativas e recreativas junto com pessoas da mesma faixa etária são alguns exemplos de serviços do setor privado para a terceira idade.<sup>13</sup>

No âmbito público, é oferecido, dentre outros, o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para os Idosos – SCFV<sup>14</sup>, programa federal que tem como objetivo

O desenvolvimento de atividades que contribuam no processo de envelhecimento saudável, no desenvolvimento da autonomia e de sociabilidades, no fortalecimento dos vínculos familiares e do convívio comunitário e na prevenção de situações de risco social. (Ministério do Desenvolvimento Social – [www.mds.gov.br](http://www.mds.gov.br))

O serviço visa a promover o convívio em grupo por meio de experimentações artísticas, culturais, esportivas e de lazer, valorizando as experiências de vida de cada integrante, buscando potencializar sua condição de escolha e decisão, e exercitando sua autonomia.

No âmbito mundial, a Organização Mundial da Saúde, no período de setembro de 2006 e abril de 2007, realizou uma pesquisa em 33 cidades do

<sup>11</sup> Fonte: Jornal *O Globo*, caderno *Rio*. Publicado em 30 de setembro de 2012.

<sup>12</sup> [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/graficos\\_pdf.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/graficos_pdf.pdf). Acesso em: mai/2011.

<sup>13</sup> [www.mundosebrae.com.br](http://www.mundosebrae.com.br). Acesso em: jun/2012.

<sup>14</sup> [www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/assistencia-social/psb-protecao-especial-basica/scfv-servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-devinculos/servicos-para-idosos](http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/assistencia-social/psb-protecao-especial-basica/scfv-servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-devinculos/servicos-para-idosos). Acesso em: jun/2012.

mundo (incluindo o Rio de Janeiro) com o objetivo de mobilizar essas e outras cidades a tornarem-se mais “amigas” dos cidadãos idosos. Foram entrevistados idosos, cuidadores e prestadores de serviço sobre as características amigáveis aos idosos nas cidades em que viviam e seus problemas. Assim, surgiu o *Guia Global: cidade amiga do idoso*<sup>15</sup> — disponível em vários idiomas —, que aborda as questões e preocupações dos idosos entrevistados em relação à vida urbana.

Uma cidade amiga do idoso estimula o envelhecimento ativo ao otimizar oportunidades para saúde, participação e segurança, para aumentar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem. Em termos práticos, uma cidade amiga do idoso adapta suas estruturas e serviços para que estes sejam acessíveis e promovam a inclusão de idosos com diferentes necessidades e graus de capacidade. (Guia da cidade amiga dos idosos, p. 7.)

O guia traz orientações concretas para nortear as ações e planejamentos dos agentes políticos, públicos e particulares em prol da melhoria da qualidade de vida dos idosos, apontando 8 quesitos considerados importantes pelos idosos entrevistados: transporte; moradia; participação social; respeito e inclusão social; participação cívica e emprego; comunicação e informação; apoio comunitário e serviços de saúde; e espaços abertos e prédios.

Dentre os numerosos fatos que ilustram o reconhecimento do envelhecimento da população mundial no cenário contemporâneo, vale ressaltar que, por recomendação da Organização das Nações Unidas – ONU, 1999 foi declarado o Ano Internacional do Idoso. O mote adotado foi “*dar vida aos anos que foram adicionados à vida*”<sup>16</sup>, o que implica pensar em ações para garantir a qualidade de vida em todas as esferas desta parcela da população e, também, promover mudanças nas relações e responsabilidades familiares.

Em defesa de um novo modelo para a velhice, Alexandre Kalache (2011), médico gerontólogo diretor do *ILC Brazil*, esclarece que:

[...] no modelo convencional de sociedade, a primeira etapa da vida era dedicada ao aprendizado, enquanto a segunda etapa era voltada para a produção e a aplicação do aprendizado no trabalho. A etapa final seria dedicada ao descanso e ao ócio. Não podemos mais pensar assim. A expectativa de vida é cada vez mais longa e as pessoas serão idosas por um período cada vez maior de suas vidas. Elas terão condições de produzir até uma idade bem mais avançada. (KALACHE, 2011.)

Seja nos artigos científicos, nos livros, nos jornais, na televisão, nas ruas ou em nossas próprias famílias e cidades, é possível constatar que a população

<sup>15</sup> <http://www.who.int/ageing/GuiaAFCPortuguese.pdf>.

<sup>16</sup> Tradução da autora.

está envelhecendo e vivendo por mais anos. Além disso, gradativa e lentamente, a velhice vem sendo considerada como mais uma fase da vida, com seus pontos positivos, negativos e singularidades, em que as pessoas buscam viver com qualidade, experiência, conhecimento e vontade de compartilhar todas essas vivências.

O novo cenário demanda a busca de novas formas de ver e lidar com a crescente população de idosos, a começar pela mudança de sua imagem — de pessoas frágeis e incapazes, que devem ser sempre acompanhadas e monitoradas, perdendo assim sua privacidade, suas vontades e até mesmo sua identidade, para a de pessoas independentes e capazes de gerenciar suas próprias vidas a despeito de suas limitações físicas. Para tanto, torna-se a cada dia mais urgente pensar meios e preparar o entorno físico para melhorar a vida dos idosos.

O designer argentino Jorge Frascara reconhece a existência de quatro tipos de Design: o Design sem importância, o Design para possibilitar a vida, o Design para facilitar a vida e o Design para melhorar a vida. Sobre o último, Frascara explica:

Este é o Design que incide sobre as dimensões humanas, tais como qualidades espirituais, valores culturais, humor, prazer, e, de fato, beleza e o despertar da consciência. (FRASCARA, in HELLER, 2001, p. 17.)

No caso do envelhecimento, podemos concluir que, além de facilitar e possibilitar atividades necessárias ao bem-estar e saúde de seus usuários, é preciso pensar em aspectos que melhorem suas vidas — e isso num sentido que vai além do físico, englobando também fatores espirituais, sociais e culturais, dentre outros, que promovam a qualidade de vida do idoso, contribuindo para seu envelhecimento ativo e saudável. Para tanto, ensina Frascara, é preciso entender o sujeito para o qual se projeta, os aspectos culturais e o contexto social no qual vive. Assim, foi escolhido o campo da Antropologia para entender algumas das questões relacionadas aos idosos na sociedade brasileira, como veremos no próximo item.

## 2.2.

### A Bela e a Nova Velhice

Em 1970, a filósofa francesa Simone de Beauvoir — já conhecida por seu livro *O segundo sexo*, no qual analisa o papel da mulher na sociedade — escreveu o livro *A velhice – a realidade incômoda*, no qual analisa histórica, biológica e socialmente o processo de envelhecimento em nossa sociedade e suas consequências físicas, morais e sociais. Nele, a autora traz o conceito de “bela velhice”, sugerindo a possibilidade de um “equilíbrio físico e moral” (BEAUVOIR, 1970, p. 40, v. 1) para o idoso e apontando uma saída para que a velhice não seja encarada como a fase final da vida. Ela afirma que é preciso ter algum tipo de paixão e continuar em busca de um sentido na vida — seja um trabalho ou alguma atividade de lazer – evitando que a pessoa “se feche em si” e veja apenas os aspectos negativos de se tornar velho. Em suas palavras:

Para que a velhice não represente uma derrisória paródia de nossa existência anterior, só existe uma solução: continuar lutando por objetivos capazes de conferir um sentido a nossa existência [...] é preciso desejar prosseguir alimentando na idade avançada paixões suficientemente fortes para evitarem que nos voltemos a nós mesmos. (BEAUVOIR, 1970, p. 300, v. 2.)

O livro *A bela velhice*, da antropóloga Mirian Goldenberg, traz em seu título uma clara referência ao conceito introduzido por Simone de Beauvoir e apresenta uma nova forma de se encarar o envelhecimento. A autora explica que:

No livro *A velhice*, Simone de Beauvoir, após descrever o dramático quadro do processo de envelhecimento, aponta um possível caminho para a construção de uma “bela velhice”: ter um projeto de vida. No Brasil temos vários exemplos de “belos velhos” [...] Duvido que alguém consiga enxergar neles, que já chegaram ou estão chegando aos 70 anos, um retrato negativo do envelhecimento. (GOLDENBERG, 2013, p. 11.)

A autora acrescenta que:

Esses “belos velhos” inventaram um lugar especial no mundo e se reinventam permanentemente. Continuam cantando, dançando, criando [...] Não se aposentaram de si mesmos, recusaram as regras que os obrigariam a se comportar como velhos. Eles [...] estão rejeitando os estereótipos e criando novas possibilidades e significados para o envelhecimento. (GOLDENBERG, 2013, p. 12.)

No âmbito deste trabalho, a *Bela Velhice* de Simone de Beauvoir e de Mirian Goldenberg é chamada de *Nova Velhice*. *Nova* por fazer referência a uma

forma diferente de se enxergar a velhice, diferente daquela estereotipada, em que os idosos são classificados como pessoas frágeis. *Nova* por ser entendida como uma etapa da vida que, assim como as outras, é uma novidade e merece ser celebrada. *Nova* por demandar novos produtos e serviços e o projeto de um meio material condizente com os novos desejos e necessidades dos idosos.

A *nova velhice* significa incorporar os tantos anos vividos e experiências como parte da identidade de um indivíduo e de seus planos para o futuro, buscando qualidade de vida em todos os aspectos: físico, social, mental e espiritual.

Um exemplo do que estamos definindo como *nova velhice* foi observado junto a mulheres idosas, frequentadoras da Casa de Convivência e Lazer Maria Haydee<sup>17</sup>, localizada na Gávea: ao serem questionadas sobre o que gostariam de aprender, muitas deram respostas relacionadas a plataformas e programas de computador, pois queriam falar com familiares que moram fora do país, buscar receitas dadas em programas de televisão, adquirir novos conhecimentos, conhecer novos lugares, procurar e fazer amigos nas redes sociais. A partir disso, a professora Gina Duran, da Universidade Ibero-americana da Cidade do México e aluna de doutorado da PUC-Rio, realizou *workshops* sobre Facebook, Skype e Google, ao longo de duas semanas do mês de agosto de 2013.



Figura 3: Participantes do curso sobre plataformas da Internet durante as aulas de Skype e exemplos de “novos velhos”.

Os participantes destes *workshops* não veem a vida depois dos 60 anos como uma “fase final”, em que não é possível aprender nada novo ou realizar novos desejos. Eles dão continuidade a antigos desejos e até mesmo criam novos projetos de vida e ilustram o que entendemos como *nova velhice* como

<sup>17</sup> Programa da Secretaria Especial de Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida da cidade do Rio de Janeiro que tem por objetivo, dentre outros, o fortalecimento das relações sociais. Ver mais em: <http://www.ideal3idade.com.br/materia/gavea-casa-de-convivencia-e-lazer-maria-haydee>.

demonstram as mensagens publicadas no grupo do *Facebook* criado durante um dos *workshops*:

“À essa turma maravilhosa, um beijo muito grande pelo NATAL e que as melhores energias de PAZ, AMOR, SAÚDE e LUZ, nessa noite, vibrem em seus lares e repercutam por todo o NOVO ANO!!!!!!”  
R. 67 anos.

“Amadurecimento e aprendizado, os presentes que a vida dá a todos que têm o privilégio de envelhecer.”  
I. 66 anos.

“É um prazer estar em um grupo tão maravilhoso. Beijinhos para todos.”  
T. 69 anos.

“Tudo está acabando, mas o aprendizado fica.”  
Z. 76 anos.

### 2.3.

#### Os nomes da velhice: Velho? Idoso? Na melhor idade?

*Velho, idoso, coroa, velhote, na melhor idade* são algumas das formas como os *maiores de 60* são chamados. Com essa variedade de termos surge a questão: qual deles usar?

Há uma variedade de termos referentes aos idosos e essa questão vai desde título de livro – *Velhice ou terceira idade?* de Myriam Lins de Barros – a assunto polêmico em conversas entre maiores de 60 anos. Aliás, vale destacar que muitos deles não têm uma opinião formada sobre como devem ser chamados.

Em dezembro de 2013, durante uma festa de fim de ano na Casa de Convivência e Lazer Maria Haydee, o assunto foi debatido junto com idosos frequentadores e funcionários da casa. As opiniões foram variadas, mas muitos idosos disseram não gostar de serem chamados de *velhos*. “*Velho* é ofensivo. Não gosto desse nome”, disse uma senhora de 74 anos. Já outros não se importavam em como eram chamados. “Eu sou velha mesmo, qual é o problema em me chamar de *velha?*”, disse uma senhora de 72 anos.

Beauvoir conta que estremeceu e reagiu de maneira irritada ao ser chamada de *velha* por uma aluna. A autora justifica sua atitude explicando que “a tradição sobrecarregou esta palavra de um sentido pejorativo e ela soa como um insulto” (BEAUVOIR, 1970, p. 12, v.2). A antropóloga Clarice Peixoto daria razão à Beauvoir, pois conta que, na França do século XIX,

[...] designava-se mais correntemente como velho (*vieux*) ou velhote (*viellard*) os indivíduos que não detinham estatuto social, enquanto os que o possuíam eram em geral designados como idosos (*personne âgée*). (PEIXOTO, in BARROS, 2003, p. 71.)

A variedade de “nomes da velhice” também foi discutida pela antropóloga Mirian Goldenberg durante seu curso “Diferenças geracionais e construção de identidade: gênero, corpo e envelhecimento”, ministrado no primeiro semestre de 2013. Mirian defendeu que, assim como chamamos de *criança* uma criança e de *adolescente* um adolescente, também deveríamos chamar de *velho* aqueles maiores de 60 anos, pois ao repetirmos o termo e o tratarmos de maneira natural poderemos desvincular essa palavra do valor negativo que, muitas vezes, possui.

Além dos nomes para designar os maiores de 60 anos, muitos são os adjetivos que o acompanham, valorizando-o ou desvalorizando-o de acordo com o contexto social no qual ele está inserido. Beauvoir analisa o envelhecimento das sociedades primitivas e afirma que “o velho nessas sociedades constitui um sub-homem e um super-homem” (BEAUVOIR, 1970, p. 95, v.1). Ele é “sub” no corpo e “super” no espírito, na alma e na mente. Beauvoir defende que “não é jamais o velho quem conquista seu estatuto: este lhe é outorgado” (BEAUVOIR, 1970, p. 95, v.1). O idoso em si não tem poder; esse poder lhe é dado por alguém em razão de algum interesse, como, por exemplo, quando uma comunidade pretende manter suas tradições por meio do conhecimento dos mais velhos.

Os conceitos de sub e super homem de Simone de Beauvoir foram tratados durante o curso de Mirian Goldenberg a partir de uma tabela com adjetivos atribuídos ao “velho sub” — aquele cuja velhice é vista pela sociedade como algo negativo — e o “velho super” — cuja velhice é vista como algo positivo — apresentada a seguir.

<b>Velho SUB</b>	<b>Velho SUPER</b>
Frágil	Experiente
Impotente	Maduro
Feio	Livre
Doente	Sábio
Inativo	Atarácico <sup>18</sup>
Tarado	Vigoroso
Nojento	Respeitado
Deprimido	Honrado
Miserável	Rico
Desgraçado	-
Inválido	-
Decrépito	-
Louco	-
Infantil	-
Dependente	-
Esclerosado	-

Tabela 1: Adjetivos dos velhos sub e super.

É a maneira como cada sociedade trata os seus “velhos” que mostra os valores, os princípios e os fins dessa sociedade. Segundo Beauvoir, “o que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelos homens à existência, é seu sistema global de valores” (BEAUVOIR, 1970, p. 97, v.1). O velho é colocado numa posição superior ou inferior de acordo com a atribuição de valores da sociedade.

Os termos relacionados aos idosos são negativos ou positivos dependendo do contexto e intenção de quem o emprega e, portanto, no âmbito deste trabalho, todos os termos conhecidos serão utilizados.

<sup>18</sup> Relativo à ataraxia; ausência total de preocupações. Pode facilitar o desligamento e isolamento, mas também o não sofrimento. O adjetivo é dúbio.

## 2.4.

### Velhice e diversidade: muitos e múltiplos

Ao imaginar um idoso, muitos desenharão a imagem de uma pessoa com os estereótipos do velho: óculos, roupas com cores sóbrias, senhoras assistindo à novela e senhores jogando dominó, todos com sua cota diária de remédios para diversos problemas de saúde. Talvez também venha à mente uma bengala, passeios ao mercado e farmácia, aulas de dança de salão e excursões com o grupo da igreja que frequentam.

Uma variedade de opções vistas como “típicas” da vida de uma pessoa maior de 60 anos. Mas ao pensar na nossa velhice, esses são os produtos e serviços que gostaríamos de usufruir? Se não gostamos de ir ao mercado, acredita que tornaremos isso um hábito prazeroso ao nos tornarmos velhos? Se não gostamos de dançar, será que passaremos a participar de aulas de dança de salão? De acordo com Beauvoir:

As coisas mudam e nós mudamos também, mas sem perder nossa identidade. Nossas raízes, nosso passado e nossa maneira de nos inserir no mundo permanecem imutáveis e por eles se definem as metas que nos aguardam no futuro, as coisas que teremos de fazer ou de dizer. (BEAUVOIR, 1970, p. 144, v.2.)

Nessa passagem, Beauvoir ressalta que nossa identidade permanece a mesma na velhice, assim como nossas ações no presente e no futuro. Mas... e na velhice? A perdemos ou a fortalecemos?

Durante o curso “Diferenças geracionais e construção de identidade: gênero, corpo e envelhecimento” foi discutido que nas fases iniciais da vida — infância e juventude —, ocorre o processo de construção de identidade das pessoas. Na maturidade, elas já possuem suas identidades construídas e vivem de acordo com seus desejos e interesses. Porém, na velhice, parece acontecer uma homogeneização: espera-se que elas assumam a identidade de “velho”.

Para exemplificar a questão, vamos tomar quatro mulheres como exemplo: a primeira é Ana. Ela é casada, tem seis filhos e é dona de casa. Não tem amigos, não gosta de comer fora e só liga para os parentes nos dias de seus aniversários. Já Paula é viúva, também é dona de casa e mãe de dois filhos. Paula gosta de sair e viajar com parentes e amigos, adora ser convidada para jantar e está sempre visitando as irmãs mais novas. A terceira, Maria, é viúva, mãe de três filhos e dona de casa. Ela tem um problema na perna que lhe traz problemas de locomoção, mas que não a impede de viajar pelo mundo

todos os anos. Beatriz, a última das quatro, é casada, mãe de dois filhos e professora. Ela gosta de ter companhia para qualquer atividade e adora dançar, passear, ir ao cinema, praticar esportes e sempre gostou de carnaval.

As quatro mulheres descritas acima são pessoas reais, atualmente enquadradas na categoria dos idosos: Ana, aos 85 anos, não sai mais de casa e só gosta de ver novela; Paula, aos 89 anos, parou de jantar fora devido a um câncer na boca que a impede de comer sem babar, embora continue visitando e recebendo visitas de amigos e parentes; Maria, aos 86 anos, teve uma piora considerável na perna e decidiu operá-la mesmo contra a vontade de toda a família, pois havia o risco de morte durante a cirurgia. Dizia preferir correr o risco a viver restrita, sem poder sair para passear, e agora se recupera, ansiosa para voltar a andar; Beatriz, aos 60, continua dando aulas, participa de um grupo de corrida de rua e tornou-se parte da banda de um bloco de carnaval carioca que se apresentou no carnaval de 2014. Tratam-se de pessoas que apesar de pertencentes ao grupo dos idosos, tem interesses e formas de encarar a vida diferentes.

De acordo com Beauvoir, “muito embora seja a velhice, na sua qualidade de destino biológico, uma realidade trans-histórica, ainda assim subsiste o fato de que este destino é vivido de maneira variável, segundo o contexto social” (BEAUVOIR, 1970, p. 14, v.1). Em outras palavras, segundo a autora, o papel do “velho” é determinado pela sociedade.

Diante dos muitos e múltiplos maiores de 60 anos e diversidade de identidades, desejos e necessidades, concluímos concordando com Mirian Goldenberg que:

[...] não existe um modelo de *bela velhice* a ser imitado por todos. A beleza de cada velhice está, exatamente, em sua singularidade, na possibilidade de ser criada, plenamente, por cada um de nós. [...] Cada um de nós é o único autor e o único responsável por construir, passo a passo, precoce ou mesmo tardiamente, a própria *bela velhice*. (GOLDENBERG, 2012, pp. 58 e 61.)

## 2.5.

### **Velho é sempre o outro: por que não nos vemos como velhos?**

Uma possível resposta para essa pergunta é: porque o envelhecimento é um processo lento, gradativo e diário desde que nascemos. Em outras palavras,

não há um marco definido para o envelhecimento. Não há um ponto de início que indique o momento exato que ficamos velhos, como bem ilustra Dona A.

[...] o idoso foi um jovem anteriormente e parece que o jovem vai ser um idoso futuramente. A gente não escapa não.  
A. 69 anos.

“A gente não escapa” do envelhecimento, é um processo natural da vida. Como aponta Beauvoir, “ninguém envelhece de repente” (BEAUVOIR, 1970, p.9, v.1). É um processo lento e que tem início quando ainda somos jovens. Como acrescentam nossos entrevistados:

Eu acho que envelhecimento [...] começa quando [...] acredito lá pelos vinte anos, e no momento quando nós não queremos nos reciclar, quando aceitamos a escolaridade básica, os fatos básicos da vida.  
D. 72 anos.

Desde que você nasce você está envelhecendo.  
J. 81 anos

Você não sente aquilo, mas o outro te lembra o tempo todo de que você têm 73 anos.  
D. 73 anos.

Não tem coragem de enfrentar certas coisas da idade, do tempo... Eu acho que é aí que começa o envelhecimento. Eu não me acho velha assim não. De cabeça, eu sou ótima. A idade é cronológica só, pra mim. [...] Tem pessoas que se acham muito velhas, se acham inúteis. Eu não me acho inútil [...]  
V. 77 anos.

Em reflexões durante o curso “Diferenças geracionais e construção de identidade: gênero, corpo e envelhecimento”, vimos que a entrada para as diferentes etapas da vida costuma ser comemorada e representa uma ascendência e mudança de status — e, conseqüentemente, ganho de poder, responsabilidades, liberdade e autonomia. Por outro lado, ninguém quer comemorar ser velho, uma vez que a velhice costuma ser vista como um período em que se perde muito do que foi conquistado em outras fases da vida — como a autonomia, a liberdade e o poder.

A velhice é a etapa da vida recorrentemente associada a aspectos negativos, como doença, depressão, dificuldade de locomoção. Assim, se o indivíduo em questão não está doente, deprimido ou tem dificuldade de locomoção, ele não se acha velho por não se identificar com a visão da velhice corrente e estigmatizada.

Segundo Beauvoir, a não percepção de si mesmo como um velho também está relacionada ao modo como sentimos o passar do tempo. Ela

explica que “o relacionamento com o tempo é sentido de maneira diferente, segundo esteja o corpo mais ou menos alquebrado” (BEAUVOIR, 1970, p. 13, v. 1). A ação do tempo sobre o corpo varia, mas na maior parte dos casos resulta em limitações e deteriorações físicas. São os sinais do tempo. São os sinais da velhice.

Essa passagem é bem ilustrada pelo episódio ocorrido com a atriz Betty Faria que, aos 72 anos, foi à praia usando biquíni. Esse momento de lazer foi fotografado por paparazzi, exposto em *sites* de notícias sobre famosos e resultou em severas críticas à atriz. Alguns dias depois, em entrevista para a edição de julho da Revista Lola Magazine<sup>19</sup>, ela desabafou:

Velha baranga, sem espelho, e outras ofensas que, passada a raiva, me fizeram pensar na burca. Então querem que eu vá à praia de burca, que eu me esconda, que me envergonhe de ter envelhecido? E a minha liberdade? Depois de tantas restrições alimentares, remédios para tomar, exercícios a fazer, vícios a evitar, todos próprios da idade, ainda preciso andar de burca? E o prazer, a alegria, meu humor?

O episódio ocorrido com a atriz ilustra que, apesar de sua interdependência, o *mental* e o *físico* não declinam paralelamente. Mentalmente, um indivíduo pode ter sofrido perdas consideráveis antes de iniciar sua degradação física; mas também é possível que ao longo da decadência física ele conquiste ganhos intelectuais importantes. A qual aspecto se atribui *valor*? Ao físico ou ao mental? A pessoa pode sentir-se velha antes mesmo de completar 60 anos de idade. A atribuição de valor varia de acordo com cada cultura, pois cada sociedade cria seus próprios valores e, com isso, sua própria velhice.

Essa constatação me levou a elaborar, um instrumento para percepção da própria velhice denominado “Diário de Velho”. O objetivo do diário era saber o que faz as pessoas se sentirem velhas. Ele foi baseado no método desenvolvido pelo antropólogo Marcelo Silva Ramos, do Observatório de Comportamento e Consumo (OCC) do SENAI/CETIQT para ajudá-lo a entender o que as pessoas consideravam felicidade. Para tanto, o antropólogo pediu a seus informantes que registrassem o momento em que se sentiam felizes, tirando fotos e anotando dados em um diário. Com base nessa experiência, distribuí “diários de velhos” para participantes com idades entre 9 e 57 anos, convidando-as a anotar dados e tirar uma foto relacionada ao momento em que se sentiam velhas. A escolha

---

<sup>19</sup> <http://www.lolamag.com.br/> Edição de julho de 2013.

dos participantes se deu a partir da facilidade de acesso às anotações nos diários e, por isso, foram escolhidos amigos e familiares.



Figura 4: Exemplo do Diário de velho.

Dentre os registros obtidos por meio do “Diário de Velho” destacamos:

*“Uma vez me senti velha ao não entender as gírias usadas por meu sobrinho”*  
F., 28 anos.

*“Eu me sinto velho quando meu joelho dói.”*  
T., 31 anos.

*“Quando vejo fotos antigas minhas e de minhas amigas na Internet.”*  
E., 57 anos.

*“Me sinto velha quando vou ao mesmo mercado mais de uma vez ao dia.”*  
L., 23 anos.

*“Meus amigos dizem que estou ficando velho quando prefiro ficar em casa numa sexta à noite a sair para dançar com eles.”*  
G., 32 anos

*“Quando uma roupa minha veste melhor na minha afilhada do que em mim.”*  
R., 27 anos.

*“Me senti muito velha quando percebi que tinha lembranças de uma viagem que fiz com meus pais há 20 anos atrás!!!”*  
T., 29 anos.

*“Me senti velho quando não me deixaram brincar no brinquedo do parque para crianças até 6 anos.”*  
J. 9 anos.

Dentre os registros muitos estavam relacionados a questões físicas e comparações entre a imagem atual e a de anos anteriores. Outros exemplos relacionaram a velhice a percepção da passagem do tempo e com o não entendimento de expressões verbais usadas pelos mais jovens.

Sobre o aspecto do envelhecimento de ordem física e mecânica, Beauvoir aponta que “depois dos 20 e sobretudo a partir dos 30 anos, tem início uma involução dos órgãos” (BEAUVOIR, 1970, p.16, v.1). No entanto, apesar de o corpo começar a sofrer um processo desfavorável fisicamente, não relacionamos o envelhecimento a uma pessoa de 30 anos de idade. Segundo Beauvoir, “não se falará em envelhecimento enquanto as deficiências permanecerem esporádicas e forem facilmente remediadas” (BEAUVOIR, 1970, p.16, v.1). Em outras palavras, o envelhecimento é caracterizado por deficiências incontornáveis, permanentes e importantes.

A velhice traz perdas físicas, mas como provoca o gerontólogo Alexandre Kalache a opção é envelhecer ou morrer cedo<sup>20</sup>. Nesse sentido, Beauvoir ensina que:

Não poderemos saber quem somos se ignorarmos quem seremos: devemo-nos reconhecer na pessoa deste ou daquele velho ou daquela velha. Não o poderemos evitar se quisermos assumir nossa condição humana em sua totalidade. (BEAUVOIR, 1970, p.10, v.1)

Depreendemos dessa passagem que o exercício de se reconhecer nos mais velhos ajuda as pessoas a pensar em quem elas serão mais adiante. Enxergar-se como idoso projetando-se em outros idosos é um passo importante para entender que a vida consiste em mudanças e que a velhice é uma das etapas da vida. Devemos nos preparar para viver a velhice como ela merece.

## 2.6.

### **Arco x escada: envelhecer como um processo ascendente**

Ao aproximar-se de seus 70 anos, a atriz norte americana Jane Fonda, escreveu o livro intitulado *O melhor momento*, no qual trata de aspectos que

---

<sup>20</sup> [http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/240/entrevistados/alexandre\\_kalache\\_2006.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/240/entrevistados/alexandre_kalache_2006.htm)

considera importantes para aproveitar a fase das três últimas décadas da vida, chamada por ela de “Ato III” (FONDA, 2012, p.8).

Fonda apresenta a metáfora do arco e da escada como diferentes representações do envelhecimento. Durante uma conferência para a fundação *Technology, Entertainment, Design* (TED) em 2011, ela afirmou que ainda vivemos com o antigo paradigma da idade como um arco: você nasce, alcança o auge na meia-idade e declina para a decrepitude<sup>21</sup>. O arco representa o conceito biológico — físico — partindo da infância, passando pela maturidade e seguido pelo declínio, que enfatiza a fragilidade da pessoa e tendo como ponto final a morte. É a idade como patologia. Porém, atualmente, está surgindo um novo olhar para o Ato III, que o trata como uma fase da vida que merece ser aproveitada. Assim, surgiu a metáfora da escada para representar o envelhecimento. Ela aponta para a ascensão do espírito humano, indicando o “potencial para atingir a sabedoria, o crescimento espiritual, o aprendizado” (FONDA, 2012, p.9). É a idade não mais como patologia, mas como potencial.

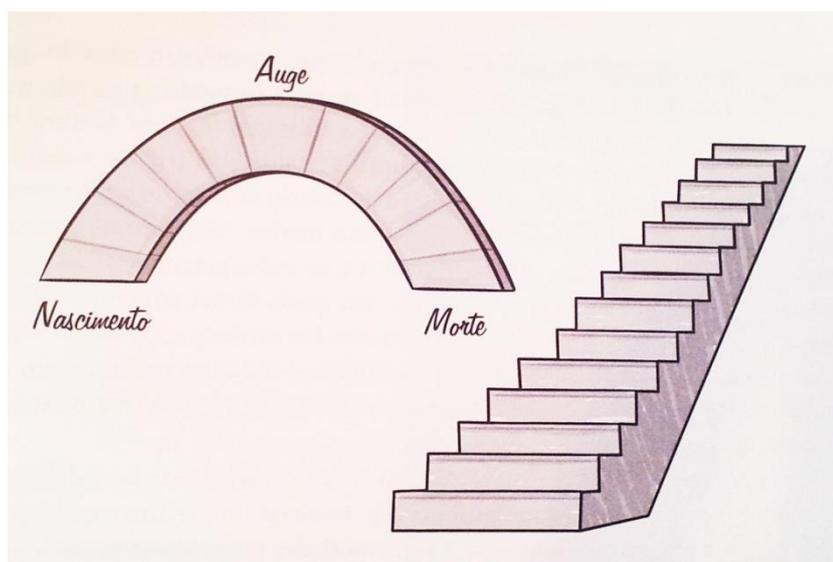


Figura 5: Ilustração “o arco e a escada”. Fonte: FONDA, 2012. p.9.

Para Fonda, uma cultura obcecada pela juventude é focada no arco, enxergando a idade apenas como decadência física e declínio. No entanto, o foco na escada enxerga o avanço dos anos como uma “possibilidade de evolução e ascensão contínua” (FONDA, 2012, p.9) do espírito humano, que não para de evoluir em direção ao topo da escada, trazendo completez, autenticidade e sabedoria. Como afirma Jane Fonda:

<sup>21</sup> [https://www.ted.com/talks/jane\\_fonda\\_life\\_s\\_third\\_act](https://www.ted.com/talks/jane_fonda_life_s_third_act)

[...] é a escada que aponta a promessa da terceira idade, mesmo diante da decadência física. (FONDA, 2012)

É preciso reconhecer os aspectos biológicos que envolvem o processo do envelhecimento, mas sem deixar que o foco seja somente esse. Enxergar a terceira idade como a idade final significa interromper o fluxo de vida de uma pessoa. Como aponta Jane Fonda:

A forma antiga de pensar a respeito da idade e o medo de perder a juventude e encarar nossa mortalidade nos impediram de ver o Ato III como uma parte vital, integrada à nossa história como um todo, como a culminação repleta de potencial dos dois primeiros atos. (FONDA, 2012)

O “arco” faz parte da vida de todos desde o momento em que nascemos, mas é na “escada” que estão as possibilidades para se construir uma *nova velhice*, enxergando a vida depois dos 60 anos, ou o *Ato III* de Jane Fonda, não como uma fase decadente, cujo resultado final é a morte, e sim como uma fase ascendente, com muitas e novas possibilidades de elevar o espírito.

## 2.7. Considerações parciais

Em uma sociedade cuja expectativa de vida vem aumentando ao longo dos anos, a visão do idoso como uma pessoa que já realizou o que deveria e que deve aposentar-se e descansar enquanto espera a morte é impertinente. Além de anos de vida, com o avanço da ciência cresceram as possibilidades de aumento de qualidade de vida, e, com ela, novas possibilidades para aqueles com mais de 60 anos.

Em março de 2014, durante o Fórum “A Saúde do Brasil”<sup>22</sup>, o presidente do Centro Internacional de Longevidade – Brasil, Alexandre Kalache, alertou que “a sociedade brasileira passa pela revolução da longevidade”, na qual a expectativa aumentou em mais de 30 anos, e defendeu um envelhecimento com acesso a serviços, renda e autonomia. De acordo com Kalache:

Otimizar as oportunidades de saúde, de educação continuada e de participação na vida social, de modo a alimentar a qualidade de vida significa promover envelhecimento ativo. (KALACHE, Fórum *A Saúde do Brasil*, 2014.)

<sup>22</sup> Ver mais em: <http://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2014/03/1431755-brasil-vive-revolucao-da-longevidade-diz-medico-alexandre-kalache.shtml>

Vamos viver mais trinta anos do que nossos avós<sup>23</sup>. Nesse sentido, é crucial colaborar para fazer valer a definição de Frascara sobre o Design como ferramenta para melhorar a vida das pessoas e projetar junto ao público que está envelhecendo e vivendo cada vez mais. Em seu livro *A bela velhice*, Mirian Goldenberg mostra que esses homens e mulheres que hoje estão vivendo mais e com mais qualidade derrubam tabus e “criam novas possibilidades e significados para o envelhecimento” (GOLDENBERG, 2012, p.12).

Porém, será que essas novas possibilidades e significados estão refletidos nos produtos e serviços oferecidos para essa faixa etária? Será que o Design atende às necessidades e demandas desse *novo velho*? Para verificar essas questões foram coletados exemplos de produtos, serviços e ações projetuais entre os anos de 2012 e 2014, e que serão expostos no capítulo a seguir.

---

<sup>23</sup> <http://tedxtalks.ted.com/video/Voc-vai-viver-30-mais-do-que-se>